



A REPRESENTAÇÃO DO INTELLECTUAL NA OBRA DE LIMA BARRETO

Jomar Ricardo da Silva *

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

jomarricardosilva@hotmail.com

Maria Arisnete Camara de Moraes **

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

arisnete@terra.com.br

RESUMO: O presente trabalho intenciona analisar as contribuições de Lima Barreto para a construção da representação de intelectual na obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Para realizarmos uma interpretação dos aspectos propostos, utilizamos o conceito de representação a partir das concepções teóricas de Roger Chartier. O procedimento para se chegar aos objetivos determinados obedeceu ao método indiciário, proposto por Carl Ginzburg, que desde a segunda metade do século XIX estava posto como um paradigma epistemológico no âmbito das ciências humanas. Lima Barreto possuía uma concepção de intelectual condizente com a realidade vivenciada, marcada pelas desigualdades econômicas, que em sua produção literária aporta em uma crítica mordaz às classes dominantes e uma contundente denúncia contra as injustiças sociais.

Palavras - chave: História – Literatura – Representação - Intelectual.

THE REPRESENTATION OF THE INTELLECTUAL IN THE WORKS OF LIMA BARRETO

* Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor Nível D da Universidade Estadual da Paraíba.

** Doutorado em educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pós-Doutorado na École des Hautes Études em Sciences Sociales, em Paris. Pesquisadora do CNPq. Professora Titular do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação da UFRN.

ABSTRACT: The present essay intends to analyze the contributions of Lima Barreto in building the intellectual representation in the work *Sad end of Policarpo Quaresma*. To accomplish an interpretation of the proposed aspects, we use the concept of representation from the theoretical conceptions of Roger Chartier. The procedure for reaching certain goals obeyed to the evidentiary method proposed by Carl Ginzburg, who, since the second half of the nineteenth century, was set as an epistemological paradigm within the humanities. Lima Barreto had a conception of intellectual consistent with the lived reality marked by economic inequality, which in his writing brings in a cutting critique of the ruling classes and a cutting denunciation of social injustice.

KEYWORDS: History –Literature – Representation - Intellectual.

INTRODUÇÃO

Afonso Henrique de Lima Barreto nasceu em 1881, no Rio de Janeiro. Neto de escravos e filho do tipógrafo João Henrique Lima Barreto, e da professora primária Amália Augusta Barreto; ficou órfão materno aos sete anos de idade.¹ Posteriormente, numa de suas crônicas, deu a conhecer a consciência étnica e social que tinha de si mesmo: “Nasci sem dinheiro, mulato e livre.”²

Nesse período o Brasil passava por transformações de ordem econômica, política e social. Poucos anos após o nascimento de Lima Barreto, foi proclamada a República (1889) e sancionada a Abolição da escravatura (1888). Estes dois fatores, para Emília Viotti³, são, na verdade, “sintomas de uma mesma realidade”; repercussões na esfera institucional das mudanças ocorridas na estrutura do país. A obra de Lima Barreto retrata os problemas sociais e políticos de uma sociedade complexa, em processo de mudança. Com isso, afirmamos que as intenções em realizar uma pesquisa sobre a representação do intelectual nesse autor, no início do século XX, dão-se em razão da possibilidade de contribuir para ampliar a reflexão sobre essa temática no Brasil.

A sua posição de escritor caracteriza-se por residir em uma experiência que converge para dois movimentos opostos, conforme Miceli⁴: possuía a “familiarização com o universo da classe dominante mediante a educação singular que recebeu do

¹ BOSI, Alfredo. **O pré-modernismo**. São Paulo: Cultrix, 1983, p. 357. (A literatura Brasileira Vol.5).

² BARRETO, Lima. **Toda Crônica**. 1890-1919. Rio de Janeiro: Agir, 2004, v. I, p. 271.

³ COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p.328.

⁴ MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 35.

padrinho”⁵, e deteve “a permanência do vínculo a sua classe de origem”. O primeiro possibilitou uma formação intelectual que o levou a seguir a carreira de escritor e jornalista, enquanto segundo movimento foi responsável pela temática de suas obras, representando em suas personagens os grupos e categorias sociais menos favorecidos, como o pobre, a mulher e o negro, pela ótica dos marginalizados.

Lima Barreto, em suas produções, expressou a sociedade do seu tempo em muitos aspectos. Sua preocupação estava voltada para os elementos formadores da nossa nacionalidade, o cotidiano, a família, a política, a injustiça social e os problemas vivenciados pelas camadas populares, sem desconsiderar os comportamentos das elites que compareciam em sua produção literária, na condição de alvo, sob severas críticas. Para o autor carioca, a república trouxe “à tona dos poderes públicos a borra do Brasil, transformou completamente os nossos costumes administrativos e todos os ‘arrivistas’ se fizeram políticos para enriquecer”⁶. Com a busca insana pelo enriquecimento, a política passou a ser um meio de ser atingir objetivos mesquinhos; pessoas sem escrúpulos utilizaram-na como o meio mais fácil de locupletar-se através do poder.

Nicolau Sevcenko desvela as contradições particulares do período republicano, analisando como as forças históricas incidiram na produção literária de Lima Barreto e as perspectivas que tinha a propósito da literatura e de sua função social.⁷ Mostra também a concepção pragmática de literatura, propugnando a constituição de uma ordem humanitária, estabelecendo sua visão relativa à ciência, à raça e à civilização. Sevcenko demonstra como Lima Barreto, engolfado num processo histórico determinado, insurgiu-se contra a ordem estabelecida, fazendo críticas à opressão praticada pelos grupos dominantes sobre os empobrecidos, e assumiu a defesa dos setores desfavorecidos da sociedade capitalista, em estado incipiente.

O termo intelectual surgiu em torno do episódio (envolvendo a Alemanha e a França) que ficou conhecido pelos debates na imprensa como **O caso Dreyfus**, em

⁵ Lima Barreto era afilhado de Afonso Celso de Assis Figueiredo (1836-1912), Visconde de Ouro Preto. Deputado provincial e Senador por Minas Gerais e, ainda durante a Monarquia, foi Ministro da Marinha. Defensor da abolição e na função de senador sancionou a cobrança da taxa de 20 réis para utilização do serviço público do bonde. A população protestou nas ruas do Rio de Janeiro, na manifestação que ficou conhecida como Revolta do Vintém.

⁶ BARRETO, Lima. **Toda Crônica**. 1890-1919. Rio de Janeiro: Agir, 2004, v. I, p.392.

⁷ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2. ed. Rev.e Ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

1894.⁸ Tratou-se da acusação de autoridades do exército francês, capitaneada pela extrema direita ao capitão Alfred Dreyfus, por traição à pátria. Na condição de judeu, com documentos forjados, foi julgado e condenado sumariamente.

Sem saber do fato, por encontrar-se naquele momento em Roma, Émile Zola começou sua intervenção no debate apenas em 1897, ao reconhecer a inocência de Dreyfus, saindo publicamente em defesa dele. A sua estratégia foi, através da imprensa, retirar o processo da esfera do Estado-Maior e “abrir à força o processo público”,⁹ deslocando-o para um tribunal civil. Divulgou uma série de artigos e cartas em jornais, fazendo de um fato consumado de injustiça um dos episódios mais traumáticos para a França. Publicou uma carta dirigida ao Presidente da República, Félix Faure, em 13 de janeiro de 1898, cujo título *J'accuse...*¹⁰ e a contundência do conteúdo tornou-a uma emblemática peça da contenda. Em seu teor, acusava todas as autoridades envolvidas no caso de práticas sórdidas com interesse de inocentar o verdadeiro culpado e punir um inocente.

Ao final da carta, afirmou não ter nem ódio nem rancor em relação aos acusados, mas professou seu único interesse: a prática da justiça e a prevalência da verdade: “São para mim apenas entidades, espíritos de maleficência social. E o ato que realizo aqui não é senão um meio revolucionário de apressar a eclosão da verdade e da justiça.”¹¹ Desse modo, Émile Zola contraiu um processo para si, recebendo a condenação de um ano de prisão, mas a farsa do processo que ele combateu, **O caso Dreyfus**, emergiu à tona, conseguindo o indulto do capitão Dreyfus, em 1898.

Logo, o presente artigo objetiva compreender as contribuições de Lima Barreto para a construção de representação do intelectual, através da análise do romance de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, fazendo esforço para não cometer anacronismo, nem

⁸ COELHO, Marcelo. Engajamento e Traição. In: NOVAES, Adauto. (Org.). **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

⁹ GUILLEMIN, HENRI. Prefácio. In: ZOLA, Émile. **J'accuse**: a verdade em marcha. Tradução Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2010, p.17, (69-83). (Coleção L&PM POCKET, v. 826).

¹⁰ ZOLA, Émile. *J'accuse...*! In: ZOLA, Émile. **J'accuse**: a verdade em marcha. Tradução Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2010, (69-83). (Coleção L&PM POCKET, v. 826).

¹¹ ZOLA, Émile. *J'accuse...*! In: ZOLA, Émile. **J'accuse**: a verdade em marcha. Tradução Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2010, p.83, (69-83). (Coleção L&PM POCKET, v. 826).

perpetrar a projeção de valores atuais para o passado, a partir das questões candentes da sociedade brasileira no final do século XIX e início do século XX.

Ainda assim, almejamos que o presente estudo possa configurar uma época importante da sociedade brasileira, a virada de um século a outro, por ser considerada a gênese do capitalismo que tardiamente se constituía, em relação aos países europeus, trazendo mudanças nas formas de pensar e agir das pessoas.

PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Os procedimentos para se chegar ao objetivo determinado, dada às características da pesquisa, obedecem ao método indiciário. Segundo Ginzburg¹², desde a segunda metade do século XIX, estava posto um paradigma epistemológico no âmbito das ciências humanas. Esse método era utilizado na perícia de obras de arte, com intuito de diferenciar as legítimas das falsas, investigando aspectos aparentemente irrelevantes de um quadro, e menos influenciados pelas características da escola a qual o autor pertencia.

Ginzburg¹³ estabelece uma comparação desse método de Morelli com o da psicanálise, e com o que era atribuído a Sherlock Holmes, personagem das histórias criadas por Arthur Conan Doyle: “O conhecedor de arte é comparável ao detetive que descobre o autor do crime (do quadro) baseado em indícios imperceptíveis para a maioria.”¹⁴

Em se tratando de realizar uma pesquisa sobre a obra de Lima Barreto, o emprego do método indiciário, com o objetivo de esboçar uma concepção do intelectual, demonstra ser mais adequado porque este autor possuía noções e ideias sobre esse tema, disseminadas na sua obra. Ao recolherem-se essas proposições particulares, almeja-se configurar uma proposta de nível geral.

Para atingir esse desiderato, inicialmente, executou-se o recorte dos conteúdos, de algum modo já realizado quando da seleção das fontes conformadas na obra a ser objeto de investigação. Num segundo momento, em relação ao próprio objeto

¹² GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.144.

¹³ Ibid., p.147.

¹⁴ Ibid., p.145.

construído e às intenções da pesquisa, assinalaram-se as unidades de conteúdo que, dadas as metas propostas, formaram uma constelação de sentidos. Assim, a designação das unidades de análise seguiu uma ordem temática ou concernente às estruturas gramaticais como orações e frases, expressando termos particulares sobre a ação do intelectual.

Este trabalho de pensamento, com a finalidade de configurar as noções de intelectual presentes no referido escritor, fez surgir as “categorias históricas”.¹⁵ Consequentemente, estas permitiram ao pesquisador responder às arguições realizadas ao seu objeto. O corolário da relação estabelecida entre o investigador versado na arte de inquirir, a criação da problemática e o conhecimento proporcionado sobre o que se almeja conhecer dentro de uma totalidade possível constitui-se em segmento do próprio ato da pesquisa. Lima Barreto trouxe na sua obra uma preocupação com a situação das mulheres e dos homens pobres, corrupção política e relações de gênero. Essa característica social foi a base empírica utilizada para análise da sociedade em que ele viveu, e desse modo compreender sua concepção de intelectual combativo.

Nesta perspectiva, dentro das atividades estabelecidas, foram realizadas leituras teóricas sobre a concepção de representação de Roger Chartier, conforme as necessidades apresentadas a partir da justificativa, uma vez que esse conceito é primordial na compreensão do objetivo proposto.

Na perspectiva de investigar esse processo, a história cultural contribui com a definição do seu objeto. A sua preocupação está centrada na busca da compreensão dos motivos, das posições e dos interesses dos atores sociais que designam a realidade a partir de sua cosmovisão.¹⁶ Enquanto operacionalização metodológica dessas representações sociais, como categorias para apreensão do real, Chartier enumera três possibilidades: delimitações das configurações, com as quais são construídas, por diversos grupos, a realidade social; reconhecimento da identidade social que mostra a maneira peculiar de estar no mundo e as posições idiossincráticas; as formas

¹⁵ LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Pensar categorias em História da educação e Gênero**. Projeto História. São Paulo: 1994, p. 21. (19-29).

¹⁶ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, 1990, p. 19. (Col. Memória e Sociedade).

institucionalizadas que alguns “representantes” marcam a existência do grupo, da classe ou da comunidade.¹⁷

DA EUFORIA UFANISTA AO MANICÔMIO

Houve, na perspectiva da personagem Policarpo Quaresma, para entendermos suas peculiaridades, determinadas afinidades entre o protagonista e o autor Lima Barreto. Tanto a personagem como o autor são funcionários públicos, como também guardam em si uma tendência para se posicionarem contras as injustiças: “Reagirá sempre assim, com extremada violência, antes as injustiças do mundo e as incompreensões das pessoas que o cercavam. Com violência às vezes desmedida e inconsequente.”¹⁸

Durante a feitura deste trabalho, constatamos uma posição ética do autor/personagem concernente à indignação frente aos graves problemas do país, denotada através de diversos diálogos ensejados pelas personagens, que ora estão situadas no grupo político dominante da sociedade, ora estão assumindo o flanco dos grupos sociais oprimidos. O patriotismo do protagonista era desinteressado do ponto de vista pessoal, com a preocupação estrita de solucionar os problemas do Brasil, através de uma inserção na realidade, a partir da análise das causas que poderiam tê-los provocados:

[...] Policarpo era patriota. Desde moço, aí pelos vinte anos, o amor da Pátria tomou-o todo inteiro. Não fora o amor comum, palrador e vazio; fora um sentimento sério, grave e absorvente. Nada de ambições políticas ou administrativas; o que Quaresma pensou, ou melhor: o que o patriotismo o fez pensar, foi num conhecimento inteiro do Brasil, levando-o a meditações sobre os seus recursos, para depois então apontar os remédios, as medidas progressivas, com pleno conhecimento de causa.¹⁹

Podemos dizer que havia um sentimento até certo ponto romântico que tornava idílica sua visão de mundo sobre a realidade enfocada. O patriotismo é a

¹⁷ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, 1990, p 23. (Col. Memória e Sociedade).

¹⁸ BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto (1881-1922)**. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 61.

¹⁹ BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Romance. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 32, v. II.

evocação de emoções vislumbrada pela necessidade da formação de um Estado, tendo em vista impor uma unidade territorial, linguística e política. Muitas dessas alusões foram instigadas pela nova classe burguesa ascendente ao poder político do Brasil e, porque não, essenciais para a criação de símbolos com intuito de forjar uma ideologia republicana, fato que se deu em 1889, ou seja, doze anos antes da criação do romance, período em que se percebiam os sinais desse intento na prática cotidiana das pessoas.

Essa eficácia da ideologia patriótica tinha seus efeitos na visão do todo que representaria o Brasil. Policarpo Quaresma via o Brasil como uma nação sob o prisma de uma grande integração, em que cada particularidade regional era valorizada em si mesma, sem o enaltecimento de determinados aspectos em detrimento de outros. A produção de riqueza que se espalhava como pujança de cada parte do território e o gênio artístico de certas personalidades eram atributos individuais que se somavam em uma unidade federativa. Era a constituição do Brasil Nação:

[...] Quaresma era antes de tudo brasileiro. Não tinha predileção por esta ou aquela parte de seu país, tanto assim que aquilo que o fazia vibrar de paixão não eram só os pampas do Sul com o seu gado, não era o café de São Paulo, não eram o ouro e os diamantes de Minas, não era a beleza da Guanabara, não era a altura da Paulo Afonso, não era o estro de Gonçalves Dias ou o ímpeto de Andrade Neves - era tudo isso junto, fundido, reunido, sob a bandeira estrelada do Cruzeiro.²⁰



Todavia, esse sentimento não residia em atitude sem consistência ou era exposto na condição de um sentimento vazio. Estava tudo bem alicerçado em um conhecimento profundo sobre as condições brasileiras, obtido através de um estudo realizado nas horas que tinha de folga do exercício na função de funcionário público.

Essa é uma característica reconhecida nos intelectuais brasileiros em seus mais variados matizes, que na sua posição de funcionário público, utilizam um determinado tempo disponível para a reflexão e o trabalho intelectual. O próprio Lima Barreto se enquadrava nessa posição, pois exercia o ofício de amanuense no Ministério da Guerra, enquanto nas horas vagas destinava-se a escrever crônicas (para os jornais), contos e romances.

Durante os lazeres burocráticos, estudou, mas estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua

²⁰ BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Romance. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 32, v. II.

literatura e na sua política. Quaresma sabia as espécies de minerais, vegetais e animais que o Brasil continha; sabia o valor do ouro, dos diamantes exportados por Minas, as guerras holandesas, as batalhas do Paraguai, as nascentes e o curso de todos os rios. Defendia com azedume e paixão a proeminência do Amazonas sobre todos os demais rios do mundo.²¹

Policarpo perscrutava a geografia, a história, a geologia e a botânica, sem esquecer um elemento importante para a grandeza de um país, a cultura. Essa preocupação expressava-se na seguinte questão: qual o gênero musical representava o povo brasileiro em sua capacidade rítmica e sonora e, por conseguinte, qual instrumento musical pode dar consecução a esse movimento artístico.

De acordo com a sua paixão dominante, Quaresma estivera muito tempo a meditar qual seria a expressão poética musical característica da alma nacional. Consultou historiadores, cronistas e filósofos e adquiriu certeza que era a modinha acompanhada pelo violão. Seguro dessa verdade, não teve dúvidas: tratou de aprender o instrumento genuinamente brasileiro e entrar nos segredos da modinha.²²

Então, depois de perscrutar as obras de filósofos, historiadores e cronistas, chegou a uma conclusão: a modinha, acompanhada pelo violão, o gênero e o instrumento, são os que mais devem conceber uma identidade original ao povo brasileiro, revelando a mais fina expressão do caráter nacional.

Todavia, essas ideias tão originais em relação ao meio social do qual Policarpo fazia parte, surtiam dúvidas sobre sua sanidade mental. Ora, pensar dentro da normalidade significa pensar dentro da lógica predominante da sociedade. Logo, questionar minimamente a ordem de funcionamento das coisas significa duas posições possíveis: ou se está tentando se sublevar à situação vigente, ou se está ficando insano.

- Então padrinho, lê-se muito?

- Muito, minha filha. Imagina que medito grandes obras, uma reforma, a emancipação de um povo.

[...] A afilhada notou que Quaresma tinha alguma coisa de mais. Falava agora com tanta segurança, ele que antigamente era tão modesto, hesitante mesmo no falar - que diabo!²³ [...]

²¹ BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Romance. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 33, v. II.

²² Ibid., p. 38.

²³ Ibid., p. 58.

Uma outra atitude de Policarpo Quaresma chamou atenção das pessoas do seu círculo de amizade; foi uma mudança de temperamento proveniente de suas convicções, jorrando de seu ser com veemência. Essa tenacidade também se originava, por sua vez, de uma segurança adquirida pelo conhecimento obtido pelo estudo. Comumente, nas relações cotidianas, existe uma tensão entre as partes de um diálogo, ao discutirem a respeito de determinado tema. Perceber-se que essas contendas se originam da falta de conhecimento que um dos interlocutores apresenta, mas também proveniente de outros elementos constitutivos da própria diferença, fazendo da refrega uma disputa lastreada pelo exercício dos binômios poder e saber.

E os dois ainda discutiram acaloradamente diante da moça, surpresa, espantada, sem atinar, sem explicação para aquela inopinada transformação de gênio do seu padrinho, até ali tão sossegado e tão calmo.²⁴

Esse instante marca mudanças em seus padrões de comportamentos. A primeira diz respeito apenas a ele, que passou por um processo de conscientização no tocante à percepção da sociedade com alargamento da sua cosmovisão, com conhecimento dos problemas sociais e de suas causas. A outra, conseqüentemente, afetou sua convivência com as outras pessoas, em que se ressentiu nos embates com pessoas próximas, em virtude de suas novas visões. Vejamos como se sucederam.

De repente, um homem pacato, cordato e até certo ponto passivo diante das concepções diferentes dos outros, que mais ouvia do que explanava seus pontos de vista, ver-se, para surpresa de todos, debatendo assuntos controversos, que para o grupo social ao qual ele pertencia estava num estágio de constelação, de aceitação naturalizada, assumindo posições reformistas, indo de encontro ao *status quo* de segmentos privilegiados da ordem social.

Tudo isto irritava profundamente Quaresma. Vivendo há trinta anos quase só, sem se chocar com o mundo, adquirira uma sensibilidade muito viva e capaz de sofrer profundamente com a menor coisa. Nunca sofrera críticas, nunca se atirou à publicidade, vivia imerso no seu sonho, incubado e mantido vivo pelo calor dos seus livros. Fora deles, ele não conhecia ninguém; e, com as pessoas com quem falava, trocava pequenas banalidades, ditos de todo dia, coisas com que a sua alma e o seu coração nada tinham que ver.

²⁴ BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Romance. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 61, v. II.

É raro encontrar homens assim, mas os há e, quando se os encontra, mesmo tocados de um grão de loucura, a gente sente mais simpatia pela nossa espécie, mais orgulho de ser homem e mais esperança na felicidade da raça.²⁵

A afilhada de Policarpo, diante das ilações a respeito da perda de sanidade de seu padrinho, foi a única a ponderar sobre o que se passava com ele. Ela não aceitava a insanidade de modo imperatório, mas abrandava os termos para designar o estado de espírito de Policarpo, considerando a excentricidade mais um arrojo de ousadia do que de desrazão.

- De juízo, talvez não seja; mas de doido, também não.

- *Non capisco*.

- É uma idéia, meu pai, é um plano, talvez à primeira vista absurdo, fora dos moldes, mas não de todo doido. É ousado, talvez, mas ... (p.90).

Por mais que quisesse, ela não podia julgar o ato do padrinho sob o critério de seu pai. Neste falava o bom senso e nela o amor às grandes coisas, aos arrojados e cometimentos ousados. Lembrou-se de que Quaresma lhe falara em **emancipação**; e se houve no fundo de si um sentimento que não fosse de admiração pelo atrevimento do major, não foi decerto o de reprovação ou lástima; foi de piedade simpática por ver mal compreendido o ato daquele homem que ela conhecia há tantos anos, seguindo o seu sonho, isolado, obscuro e tenaz. (Grifo nosso).²⁶



Olga recorre às lembranças das conversas tidas com seu padrinho e aporta em um assunto que lhe fazia associar a atual situação mental dele com um projeto de emancipação social, que vinha sendo concebido há muito tempo, assim estabelecendo a coerência das proposições assumidas. A Emancipação político-social constitui um escopo que vinha sendo tratado pelos pensadores da modernidade, encontrando em Rousseau um dos proponentes mais consequentes ao elaborar o conceito de comunidade.²⁷

Tentar mudar a forma de pensar da sociedade conforme ideais que Policarpo acreditava que fossem os melhores, em busca de uma prática social concernida à harmonia, à justiça e à fraternidade entre todos os indivíduos tinha um preço a ser pago.

²⁵ BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Romance. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 82-83, v. II.

²⁶ Ibid., p. 90.

²⁷ ROUSSEAU, Jean Jacques. **O contrato social**. São Paulo: Nova Cultural 1991, p.70.

Ao dialogar com Ricardo Coração dos Outros, Policarpo deixou patente que por pensar diferente, em contraposição ao senso comum predominante, sofria a solidão como tributo:

- O major, hoje, parece que tem uma idéia, um pensamento muito forte.
- Tenho, filho, não de hoje, mas de há muito tempo.
- É bom pensar, sonhar consola.
- Consola, talvez; mas faz-nos também diferentes dos outros, cava abismos entre os homens....”²⁸

Policarpo pensava em sua condição de solidão e ao mesmo tempo sobre as diferenças existentes entre as pessoas, e chegava à conclusão que além da morte, o crime e a doença provocavam um nivelamento entre as pessoas: “Não é só a morte que nivela; a loucura, o crime e a moléstia passam também a sua rasoura pelas distinções que inventamos.”²⁹

Ao receber alta do manicômio, trazia uma sensação de vazio e uma aguçada tristeza, pois a loucura, de todas as tristezas, era a mais triste de todas. “Saiu o major mais triste ainda do que vivera toda a vida. De todas as coisas tristes de ver, no mundo, a mais triste é a loucura; é a mais depressora e pungente.”³⁰

Tinha uma consciência do processo de dissociação da psique que levava a loucura e, de forma coerente, serena, mostrava como os conteúdos do inconsciente se assomavam ao ego e se apropriavam dele, na qualidade de centro da consciência, deixado a persona alijada de suas funções.

Aquela continuação da nossa vida tal e qual, com um desarranjo imperceptível, mas profundo e quase sempre insondável, que a inutiliza inteiramente, faz pensar em alguma coisa mais forte que nós, que nos guia, que nos impele e em cujas mãos somos simples joguetes. Em vários tempos e lugares, a loucura foi considerada sagrada, e deve haver razão nisso no sentimento que se apodera de nós quando, ao vermos um louco desarraoar, pensamos logo que já não é ele quem fala, é alguém, é alguém que vê por ele, interpreta as coisas por ele, está atrás dele, invisível!...³¹

²⁸ BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Romance. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 90, v. II.

²⁹ Ibid., p. 99.

³⁰ Ibid., p. 116.

³¹ Ibid., p. 116-117.

A loucura, desde o Renascimento, passou por diversas categorizações sociais e classificações de dispositivo crítico do conhecimento médico e jurídico que não constituía apenas a doença, nem o louco, mas uma forma de esboçar também uma ciência, do que se poderia se chamar de psicologia.

ADEUS ÀS REFORMAS SOCIAIS

Nessa condição de convalescência, Policarpo ouviu de bom grado a sugestão da afilhada para adquirir um sítio, um lugar ermo onde pudesse levar uma vida tranquila, longe das exigências da repartição pública e das incitações provenientes do conglomerado urbano. A ideia lhe caiu como excelente alternativa, pois com esse distanciamento da vida agitada que lhe trouxe transtornos emocionais e psíquicos, poderia engendrar seus planos de desenvolvimento agrário, servindo suas iniciativas de modelo para o país.

- O padrinho por que não compra um sítio? Seria tão bom fazer as suas culturas, ter o seu pomar, a sua horta... não acha?

Tão taciturno que ele estivesse, não pôde deixar de modificar imediatamente a sua fisionomia à lembrança da moça. Era um velho desejo seu, esse de tirar da terra o alimento, a alegria e a fortuna; e foi lembrando dos seus antigos projetos que respondeu à afilhada:

- É verdade, minha filha. Que magnífica idéia, tens tu! Há por aí tantas terras férteis sem emprego... A nossa terra tem os terrenos mais férteis do mundo... O milho pode dar até duas colheitas e quatrocentos por um...³²



A aceitação taciturna levou o Major Quaresma a uma reflexão que implicava uma mudança de atitude: deixar a função de amanuense que lhe retirava a virilidade e se descobrir uma outra pessoa, em contato com a natureza da vida no campo, retirando da terra toda a riqueza que sua fertilidade poderia oferecer. Essa transformação se dava no tocante à necessidade de deixar os velhos planos iniciados no alvorecer da sua juventude de reformas sociais e intentar, a partir de então, extrair em nome da grandeza da Pátria o pulsar de suas potencialidades agrícolas:

E era agora que ele chegava a essa conclusão, depois de ter sofrido a miséria da cidade e o emasculamento da repartição pública, durante tanto tempo! Chegara tarde, mas não a ponto de que não pudesse antes da morte travar conhecimento com a doce vida campestre e a feracidade

³² BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Romance. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 117, v. II.

das terras brasileiras. Então pensou que foram vão aqueles seus desejos de reformas capitais nas instituições e costumes: o que era principal à grandeza da pátria estremecida, era uma forte base agrícola, um culto pelo seu solo ubérrimo, para alicerçar fortemente todos os outros destinos que ela tinha de preencher.³³

Todavia, essa mudança de espaço em busca de realização pessoal que incidia num aspecto social, traria uma dificuldade para Policarpo. Ele se deparou com uma realidade que não conhecia *in loco* e que se mostrou muito diferente do que pensava. Com isso se constata uma situação vivenciada pela maioria dos intelectuais, a distância com que eles se mantêm da própria realidade pensada: “De resto, a situação geral que o cercava, aquela miséria da população campestre que nunca suspeitara, aquele abandono de terras à improdutividade, encaminhavam sua alma de patriota meditativo a preocupações angustiosas.”³⁴

Major Quaresma ficar sossegado em seu sítio era questão de momento. Quando o mesmo se encontrava na calma da vida campestre, veio uma convocação para o serviço militar com propósito de defender a República, em seu nascedouro, contra os revoltosos. Atende a demanda como patriota, para servir a causa ainda com grandes ideias de reforma, que poderiam ser implantadas para fazer o Brasil soergue-se no cenário internacional como potência econômica.

Quaresma não pudera vir logo, como anunciara no telegrama. Fora preciso pôr em ordem os seus negócios, arranjar quem fizesse companhia à irmã. Fizera Dona Adelaide mil objeções à sua partida; mostrara-lhe os riscos da luta, da guerra, incompatíveis com a sua idade e superiores à sua força; ele, porém, não se deixara abater, fizera pé firme, pois sentia, indispensável, necessário que toda a sua vontade, que toda a sua inteligência, que tudo o que ele tinha de vida e atividade fosse posto à disposição do governo, para então!... oh!³⁵

Em relação ao que queria, enquanto projeto para a Nação, havia em Quaresma sinceridade e boas intenções: colocar seus conhecimentos a serviço de um projeto voltado para o bem maior da coletividade. Por isso, todo sacrifício não representava perdas efetivas, considerando o resultado dos esforços empreendidos.

³³ BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Romance. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 120, v. II.

³⁴ Ibid., p. 171.

³⁵ Ibid., p. 205.

Desse modo, sobreveio-lhe uma interrogação sobre toda a dedicação e zelo que depositava, aliás, não apenas os seus pessoais, mas de todos os cidadãos que sacrificavam suas vidas em nome de uma liderança tão insignificante e tão rasteira como a do Marechal Floriano; em nome de um ideal que nem se sabia na certeza afirmar qual era na verdade.

Saía ao encontro de Henrique IV e de Sully e vinha esbarrar com um presidente que o chamava de visionário, que não avaliava o alcance dos seus projetos, que os não examinava sequer, desinteressado daquelas altas coisas de governo como se não o fosse!... Era pois para sustentar tal homem que deixava o sossego de sua casa e se arriscava nas trincheiras? Era, pois, por esse homem que tanta gente morria? Que direito tinha ele de vida e de morte sobre os seus concidadãos, se não se interessava pela sorte deles, pela sua vida feliz e abundante, pelo enriquecimento do país, o progresso de sua lavoura e o bem-estar de sua população rural?³⁶

Policarpo Quaresma tinha a intenção de se dirigir ao encontro do Marechal e encontrar, diante si, um homem honrado em sua moral, disciplinado em sua conduta funcional e, enfim, que estivesse contida, em todo o desejo de sua alma, a abnegação de defender os melhores propósitos para o País. Entretanto, o principal dirigente da República não possuía nenhuma das virtudes esperadas, uma decepção! Era indolente, com baixíssimo nível intelectual, de aspecto físico débil, desleixado em sua forma de vestir e sem nenhum ideário próprio que marcava as personalidades que mudaram os rumos da história dos países europeus, como um Napoleão Bonaparte, na França, ou um Otton Leopold Bismarck, na Alemanha.

Nesse instante, Policarpo percebeu, de modo pessimista, o que foi a sua vida: uma coleção de sonhos que agora se encontravam desmanchados como fumaça ao vento. Chega até mesmo a questionar o sentido que teve sua vida com seus ideais, seus estudos e debates calorosos com oponentes medíocres:

Mas, como é que ele tão sereno, tão lúcido, empregara sua vida, gastara o seu tempo, envelhecera atrás de tal quimera? Como é que não viu nitidamente a realidade, não a pressentiu logo e se deixou enganar por um falaz ídolo, absorver-se nele, dar-lhe em holocausto toda a sua existência? Foi o seu isolamento, o seu esquecimento de si mesmo; e assim é que ia para a cova, sem deixar traço seu, sem um

³⁶ BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Romance. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 252, v. II.

filho, sem um amor, sem um beijo mais quente, sem nenhum mesmo, e sem sequer uma asneira!³⁷

Essa opção de vida, que se lhe impunha um hábito austero, retirou dele o contato mais próximo com a realidade, deixando o doce da vida à margem, esquecido. Senão bem arrependido, pelas palavras do Major Quaresma, via-se o desejo, caso tivesse uma oportunidade, de viver outra vez a vida, de fazer-lhe diferente, de maneira prazenteira, ousada para o afeto, para o amor, porque daquela forma “a terra não lhe dera nada de saboroso.”³⁸

À GUIA DE CONCLUSÃO

O romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* demonstra alguns aspectos da relação existente entre o intelectual e a sociedade. O próprio protagonista, ao fazer uma autoanálise de seu percurso existencial e sociopolítico, chega a reconhecer suas limitações.

Um dos obstáculos que se percebe reside na ingenuidade de Quaresma de pensar que poderia mudar o quadro de injustiça, corrupção e atraso econômico do País, apenas pela veracidade de suas ideias e, principalmente, pela positividade ética de seus postulados. As condições objetivas e subjetivas forjadas por fatores peculiares à dinâmica social exigem uma postura do indivíduo que vai do recuo da ação, em vista de seus projetos, à aderência de projetos que não são os seus, mas que expressam, senão a vontade de uma representação coletiva, a força de um grupo hegemônico que relhe uma luta com grupos subordinados, impondo-lhes a sua perspectiva.

Outra crítica de Lima Barreto ao papel do intelectual é relativa à dissociação entre o pensamento e a realidade, no sentido de querer conhecê-la tão somente pelos livros que lhe imprimiam uma visão distorcida do real. Com isso, passamos a perceber os limites de Policarpo Quaresma em assumir a representação ditada nos conceitos científicos como sendo um espelho fiel da mesma realidade referida. Nos momentos finais de sua vida e do romance, ele atina para o engano que o fez pensar em resolver os problemas sociais com suas reformas.

³⁷ BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Romance. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 286-7, v. II.

³⁸ Ibid., p. 287

Diante de uma situação desoladora, na iminência de morrer, a narrativa deixa entrever a consequência desse martírio, uma profunda solidão. Esta condição tinha antecedentes. O intelectual Policarpo Quaresma, desde o momento que passou a emitir uma consciência diferenciada, passou também a viver um isolamento, ilustrado nas discussões que tinha com pessoas próximas quando recebia grande incompreensão de todos, exceto de Olga, sua afilhada, que se na verdade não o compreendia plenamente, devotava ao padrinho certa condescendência.

Na sua obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, Lima Barreto apresenta, entre outras temáticas, o problema do nacionalismo. Essa produção literária refere-se a episódios históricos ocorridos durante a presidência de Floriano Peixoto (1891-1894). Nessa obra, ele demonstrou seu descontentamento pela descaracterização da cultura e da sociedade brasileira, modelada em valores europeus no início do século XX. Logo, percebemos críticas à constituição do Estado, que enquanto instituição histórica estava preso aos interesses corporativistas das oligarquias, e aos homens influentes, sem escrúpulos, que utilizavam a política e a economia para se locupletarem no poder.

Etimologicamente Policarpo significa muitos frutos. Ainda mais, o nome coincidentemente alude a São Policarpo, que segundo a tradição da Igreja Católica teria sido discípulo de João Evangelista, sendo Bispo de Esmirna, e por professar a sua fé cristã foi martirizado no ano de 155. Policarpo Quaresma imolou-se por seu ideal e não se omitiu diante das carnificinas humanas produzidas pelo ditador Presidente Floriano Peixoto. Émile Zola não se omitiu diante da injustiça contra Dreyfus e recebeu pena por acusação aos altos escalões do governo Francês. O bispo cristão não fez a apostasia de fé e foi martirizado. Portanto, para Émile Zola e Lima Barreto, a obra de arte, a literatura, tem a finalidade de denunciar as injustiças e proclamar a verdade.

RECEBIDO EM:17/10/2015

APROVADO EM: 13/10/2016